

No tempo de Rudolf Steiner

Diego Vinícius Obregón Franco*

* Professor de História no ensino médio com especialização em Pedagogia Waldorf.

Resumo

Este artigo apresenta uma contextualização histórica, com ênfase na história política e do cotidiano, da biografia de Rudolf Steiner, no período de 1914 – 1919, mas também com apontamentos em periodizações prévias e posteriores. Sem o objetivo de analisar a influência do contexto histórico de Rudolf Steiner em sua obra, o artigo busca delinear os principais acontecimentos que permearam a fundação da antroposofia, a construção do primeiro goetheanum e a criação da primeira escola Waldorf. Através de uma abordagem dupla entre a ótica dos fenômenos históricos macroscópicos e da micro-história, busca-se provocar a reflexão e ressignificação da obra de Rudolf Steiner e de seus continuadores.

Palavras-chave: história; pedagogia Waldorf; Rudolf Steiner; biografia; contexto histórico.

Abstract

In the time of Rudolf Steiner

The following article proposes a political and everyday life history approach of Rudolf Steiner's biography, on the period of 1914 – 1919, but also with notes on previous and later periodization. Without the purpose of analyzing the influence of Rudolf Steiner's historical context in his work, the article seeks to outline the main events that permeated the founding of Anthroposophy, the construction of the first *goetheanum* and the creation of the first Waldorf School. Through a double approach between the optics of macroscopic historical phenomena and microhistory, we seek to provoke the reflection and resignification of the work of Rudolf Steiner and those who continued it after his death.

Keywords: history; Waldorf education; Rudolf Steiner; biography; historical context.

Rudolf Steiner nasceu em 27 de fevereiro de 1861, em Donji Kraljevec, atual Croácia (STEINER, 2006). Ao longo de sua vida, esteve muito próximo de acontecimentos marcantes da virada do século XIX para o século XX, sobretudo das vésperas e do decorrer da primeira guerra mundial, que ocorrera justamente durante a consolidação do movimento antroposófico.

O período que se estende da segunda metade do século XIX até a primeira do século XX é, inegavelmente, um período de acontecimentos trágicos, em que a maior parte da população europeia vivia em um clima de insegurança constante. Também foi um período em que o número de mortos nas guerras foi catastrófico e, talvez o mais dramático dos processos em andamento, a insensibilidade do ser humano diante desses acontecimentos crescia cada vez mais. Este é o cenário em que se insere a biografia de Rudolf Steiner, assim como a organização da antroposofia e o impulso do movimento antroposófico que agora completa o seu centenário.

Muitas vezes nos questionamos, principalmente se alimentados das correntes historiográficas do final do século passado, o quanto Rudolf Steiner influenciava e o quanto era influenciado pelo tempo em que vivia. É uma questão, sem dúvidas, polêmica, a qual não é o objetivo deste artigo, mas dos historiadores que se debruçarem sobre a obra de Steiner como um todo e traçarem um paralelo com sua biografia e seu tempo histórico. A questão aqui presente é muitíssimo mais simples: entender o contexto histórico de Rudolf Steiner, sem a ousadia de tentar ver por seus olhos, mas sim entender o cotidiano e as preocupações daqueles que foram contemporâneos do fundador da antroposofia.

A fim de entender o complexo contexto em que esteve inserido Rudolf Steiner, o movimento antroposófico e a pedagogia Waldorf, faremos uma leitura tanto da história política quanto do cotidiano do período em questão. Levantaremos fatos e olharemos para a sociedade europeia a fim de compreendermos em diversos âmbitos o que foi estar presente nessa virada de século, que tipo de sentimento e visão de humanidade permearam os que conviveram com Rudolf Steiner e, quiçá, compreender um pouco mais a leitura que este próprio fazia do seu momento presente.

A grande transformação que se estendeu no âmbito do cotidiano estava diretamente relacionada ao industrialismo inglês. Por ordem do parlamento

britânico, famílias inteiras vinham sendo desalojadas de suas terras, onde praticavam o pastoreio secular. Mesmo aqueles que possuíam a propriedade da terra, acabavam tendo que abandonar sua antiga produção e se transferir para novas atividades não mais no antigo cenário rural, mas na transformadora vida urbana que agora se apresentava como ápice do desenvolvimento da nação. A sensação era de êxtase e ódio; êxtase porque as novas fábricas produziam cada vez mais mercadorias, toneladas e mais toneladas, eram verdadeiros milagres aos olhos dos inocentes e recém-chegados camponeses. Ódio porque as máquinas destruíram tradições seculares, sustentos de famílias, perspectivas e projetos.

Os mesmos olhos que temiam apenas a Deus, agora se surpreendiam com o vento de um trem chegando à estação, com a magia de levar toneladas de materiais e produtos até o litoral e voltar no mesmo dia. Estavam agora em outro mundo, de tijolos laranjas em imensas construções, de relógios altos misturando o tempo de vida ao tempo de produção: era mais do que uma nova forma de produzir, era a criação de um novo modelo para viver.

Outro fato surpreendente do novo modo de produção era sua capacidade de integrar o mundo em torno de seus interesses. Um trabalhador inglês utilizava ferro da África, numa fornalha de carvão da Ásia, para produzir uma mercadoria destinada a ser vendida na América. A onipresença da Inglaterra em outros continentes fez que ela fosse a primeira potência europeia da Idade Contemporânea a se intitular Império, um exemplo que seria seguido por tantos outros países, inaugurando a Era dos Impérios, termo adotado pelo historiador Eric Hobsbawn. Nesse contexto, França, Japão, Holanda, Portugal, Turquia, Áustria-Hungria e até mesmo Brasil passaram a compor o tempo dos impérios, e o modelo de produção extremamente lucrativo inaugurado pelos ingleses se disseminou de forma devastadora em cada potencial empresário, burguês ou comerciante em qualquer parte do mundo. Esses impérios tinham um único objetivo: o lucro. Para isso, precisavam da matéria-prima mais barata que pudessem obter, o que só era possível através da submissão de populações e exploração intensa de territórios na África e na Ásia. No final do século XIX, o continente africano quase não mantinha territórios independentes em toda sua vasta extensão (HOBSBAWN, 2016a).

A finitude dos espaços para exploração de recursos fez a geopolítica europeia atingir níveis de competição nunca antes vistos, fazendo a ideia de

prosperidade da nação se lançar na forma de um nacionalismo cego e extremamente competitivo.

Em 1870, a França reivindicou os territórios prussianos da Alsácia e Lorena. A reação prussiana foi feroz. Luís Bonaparte, neto de Napoleão, optou por liderar o exército francês e acabou sendo capturado pelo chanceler Otto Von Bismarck, da Prússia. Sob rendição francesa, os prussianos marcharam sobre Paris em 1871, quando Guilherme I, da Prússia, foi coroado kaiser alemão no palácio de Versalhes, símbolo do poder francês, agora símbolo da submissão francesa. Aos olhos dos franceses, uma humilhação desnecessária, a semente de um ódio nacionalista. Nascia mais um império: o império alemão (CANFORA, 2014).

Em outubro de 1918, Rudolf Steiner descreveu o problema da Alsácia de 1870 como um problema que surgiu, foi conduzido para novos conflitos e acabou colocando a Alemanha em um *beco sem saída*. Disse ainda que a inclinação de conduzir problemas para *becos sem saída* seria característica do nosso tempo. Ele chamou essas inclinações de conduções estéreis – trata-se do advento de ideias coletivas que não tem potencial criativo – um exemplo de tais ideias são os nacionalismos (STEINER, 2015).

Em 1873, Otto Von Bismarck corria para superar o atraso do recém-nascido império alemão e negociou a liga dos três imperadores: Rússia, Áustria-Hungria e Alemanha. Economicamente parceiros, militarmente aliados, politicamente unidos.

Em 1890, a liga se desfez, uma vez que a Rússia e a Áustria-Hungria divergiam sobre o que fazer com os países balcânicos. A Rússia foi substituída pela recém-formada Itália, uma vez que França e Inglaterra não eram opções por já estarem fazendo uma aliança entre si. A Alemanha planejava superar o atraso em conseguir territórios de exploração na África e na Ásia criando uma estrada de ferro monumental entre Berlim e Bagdad. Para que isso fosse possível, a Áustria-Hungria deveria conquistar completamente os Balcãs e o Cáucaso.

No entanto, para a Rússia, era mais interessante que esses países se mantivessem fragmentados e dependentes dos produtos russos. No começo do século XX, os aliados Alemanha, Itália e Áustria-Hungria invadiram a Bósnia e partes da Sérvia, sendo este último país o maior empecilho para o plano de hegemonia na Ásia.

Em 1905, o kaiser Guilherme II estacionou um encouraçado no território francês da baía do Marrocos, ameaçando destruir a cidade de Tanger se os franceses não se retirassem.

O império alemão, um dos mais jovens da Europa, nunca havia experimentado tamanha prosperidade. Seu único empecilho era a falta de neocolônias para obter um volume maior de matéria-prima e de mercados consumidores. Nesse contexto, em 1906, Emil Molt passou a integrar a fábrica de cigarros Waldorf-Astoria.

Acuadas, França e Inglaterra se aliaram à Rússia para impedir o avanço da hegemonia sobre os Balcãs. Ultrapassar o território Sérvio significaria a ascensão da Alemanha como o maior império europeu, e a conseqüente diminuição dos outros nos cenários político e econômico internacional. As tensões aumentavam a cada dia, os países se armavam cada vez mais. Mais de um século de industrialização permitia a produção de tecnologias nunca antes vistas: armas de fogo mais capazes, bombas, carros de guerra blindados, artilharia de longo alcance. Há pouco mais de 30 anos, a Alemanha havia conquistado sua independência utilizando espadas e cavalos; agora, a guerra seria bem diferente

Em 1913, o imperador austro-húngaro enviou seu herdeiro para supervisionar os exércitos na Bósnia. Em 1914, o príncipe Franz Ferdinand foi assassinado em um atentado em Sarajevo, na Sérvia, que culminaria numa sucessão de desastres. Houve um silêncio de três semanas após o atentado. Todos os olhares recaíram sobre a Áustria, cobrando uma ação.

Foram as três semanas necessárias para os militares austro-húngaros que estavam ajudando na colheita serem convocados. Ao fim desse período, foi dado um ultimato à Sérvia, um acordo impossível de ser cumprido (CANFORA, 2014).

Esse ultimato incluía nove exigências que culminavam na dominação total do país. Antes que a resposta fosse dada, o embaixador austríaco retornou ao seu país. Sete das nove exigências foram aceitas. Mesmo assim, a Áustria bombardeou Belgrado como resposta ao assassinato do arquiduque, dando início à Primeira Guerra Mundial.

Em resposta a esta ação, a Rússia bombardeou a Áustria. A Alemanha invadiu a França. E sucessivamente, o esquema de alianças foi sendo ativado. As artilharias destruíram casas, construções centenárias e reduziram cidades às ruínas. Nos campos de batalha, cavavam-se enormes trincheiras, de quatro

ou cinco metros de profundidade, em que um soldado podia passar semanas abaixado, pois o menor sinal de movimento significaria a morte.

Foi a primeira guerra em que se usou arame farpado, havia campos e mais campos forrados de arame farpado para dificultar a entrada de inimigos. A partir de 1915, começou-se o uso de gás mostarda, causando uma corrida das potências para espalhar entre seus soldados equipamento necessário para a não contaminação.

Em 1917, entram em cena os carros blindados e a aviação militar. Neste mesmo ano, a Rússia saiu da guerra, por conta de transformações internas. É também este o ano em que os Estados Unidos entram na guerra.

Na véspera do início da Primeira Guerra Mundial, Rudolf Steiner havia oficializado sua separação da sociedade teosófica e dividia os seus esforços entre a construção do primeiro goetheanum, a manutenção de conferências na chamada antiga Sociedade Antroposófica e, futuramente, o casamento com Marie Von Sievers, logo Marie Steiner (CALLEGARO, 2007). Em janeiro de 1914, deu-se a última assembleia do grupo de antropósofos que acompanhavam Steiner desde o rompimento com a sociedade teosófica. Segundo Steiner, havia muita perturbação no mundo espiritual vizinho à Terra pelo grande derramamento de sangue humano e pela morte de tantos jovens (BELTLE & VIÉRL, 2006).

Em 1915, Steiner faz seis viagens à Alemanha, à Áustria e realiza conferências não muito grandes na Suíça. O trabalho no goetheanum se reduz muito pela falta de dinheiro. O tema central das conferências nesse momento passa a ser a vida após a morte, relacionando-se especialmente aos acontecimentos da guerra (STEINER, 2006).

A colônia de antropósofos, em Dornach, reuniu pessoas de diferentes nacionalidades, incluindo pessoas de países rivais. Em 1916, a situação da guerra piorou. Para agravar as tensões no movimento antroposófico, Steiner caiu de um andaime que utilizava para fazer uma escultura de madeira, fazendo que seu tórax fosse atingido por uma ponta de madeira. Neste período, Steiner passa a falar sobre cabeça, membros, sangue e nervos, os sete processos vitais e a atuação dos doze sentidos.

Em 1917, em contraste com a ideologia dominante na URSS, Steiner propõe discussões com políticos próximos sobre a trimembração do organismo social, sem sucesso.

Ao final da guerra, quatro impérios desapareceram: o alemão, o otomano, o austro-húngaro e o russo. Dos 60 milhões de soldados europeus mobilizados, oito milhões foram mortos, sete milhões incapacitados e 15 milhões gravemente feridos. A Alemanha perdeu 15,1 % de sua população masculina (CANFORA, 2014).

Na Alemanha, a morte de civis não envolvidos na guerra foi 474 mil pessoas maior do que em tempo de paz. Em grande parte, por conta da falta de comida e do aumento do número de doenças. Durante a guerra, o império austro-húngaro se fragmentou e entrou em caos civil e político. A Itália se aliou com a França e a Inglaterra. A última potência da antiga aliança, a Alemanha, acabou recebendo toda a responsabilidade pela ocorrência da guerra. Dentre outras coisas, o Tratado de Versalhes definia:

- Devolução dos territórios da Alsácia e Lorena.
- Devolução do território polonês (criação do corredor polonês).
- 226 bilhões de marcos alemães para reparação pós-guerra.
- 12% dos valores das exportações alemãs por tempo indeterminado.
- Desmilitarização completa da Alemanha.

Em 1919, um dólar americano valia 4,2 trilhões de marcos alemães. O dinheiro deixou de ser utilizado. O que restava de campo industrial estava em decadência e o desemprego só se espalhava (HOBBSBAWN, 2016).

No começo da guerra, a fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, em Stuttgart, tomou medidas notáveis em relação a outras fábricas da Alemanha, como a compra de uma quantidade enorme de matéria-prima. Mesmo assim, durante os anos de guerra, a fábrica precisou passar pelo difícil processo de retorno ao modo de produção de manufatura. A jovem e frágil industrialização alemã fez com que as máquinas ficassem sem manutenção e reparos, causando um retrocesso no modelo de produção quase comparável ao do final da Idade Média.

Em 1919, quando os soldados voltavam do *front*, não havia ocupação suficiente para todos, tampouco estes estavam preparados para conduzir um processo manual de fabricação de cigarros do começo ao fim. Emil Molt tentou criar um sistema de aulas para os funcionários, não apenas relacionadas à produção do tabaco, mas também com aulas de história, geografia e literatura. Mas, desacostumados com essa prática, os trabalhadores acabaram se

sentindo entediados (BELTLE & VIERL, 2006). O que Molt tentava desesperadamente fazer não era reerguer uma das muitas fábricas à beira da falência após a Primeira Guerra Mundial, mas o que todo alemão com uma visão ampla o suficiente deveria se indagar: o que fazer a partir de agora?

Desde 1904, Molt era conhecedor de Rudolf Steiner, e, em 1906, ingressou na sociedade teosófica. Durante a Primeira Guerra Mundial, Steiner proferiu conferências pela Europa, onde fazia indicações, sobretudo relacionadas à construção do modelo de trimembração do organismo social. Molt havia auxiliado, junto com alguns outros antropósofos de Stuttgart, a projetar a construção de uma sociedade trimembrada, conforme as indicações de Steiner, mas a tentativa foi falha (STEINER, 2006).

Decidiu-se então que o impasse da recusa dos trabalhadores seria substituído dando mais atenção às crianças. Eis o momento do convite de Emil Molt para que Rudolf Steiner participasse da construção de uma escola para os filhos dos funcionários da fábrica Waldorf-Astoria.

A junção de uma economia liberal desenfreada com Estados soberanos que visavam apenas o lucro tornou o desenvolvimento da alma e da consciência ainda mais necessário e pertinente à época.

Rudolf Steiner viveu e contribuiu com um tempo em que o problema não era apenas a falta de valores, mas, pela primeira vez, em que as vidas humanas deixaram de importar completamente. Olhar para o passado e encontrar pessoas que conseguiram parar o ritmo acelerado das coisas, o ódio, os nacionalismos, os preconceitos e afirmar que a solução seriam as crianças é, minimamente, notável e admirável.

Sem dúvida, os nacionalismos se instalaram como o grande mal do século XX. Em 1922, em Munique, Rudolf Steiner terminou a primeira parte de uma conferência em um hotel quando as luzes se apagaram, bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas e membros da juventude nazista entraram disparando no teatro. Um corpo de guarda-costas protegeu Rudolf Steiner enquanto este saía pelos fundos do hotel. O periódico nazista, neste mesmo ano, num artigo assinado por um jovem Adolf Hitler, referiu-se a Rudolf Steiner como: "O antropósofo Rudolf Steiner, adepto da trimembração do organismo social que é completamente um método judeu de destruir a normalidade da mente das pessoas (WERNER, 1999)".

Heinz Müller, que conviveu com Rudolf Steiner, relata que, por volta de 1922, este alertava sobre o ódio que crescia ao redor destes. Realmente, no partido nacional-socialista, toda forma de pensamento que se afastasse da ordem a qualquer custo era rejeitada (BELTLE & VIÉRL, 2006). No trágico ano novo em que o goetheanum pegou fogo, aparentemente não por acaso, parte deste ódio recaiu mais uma vez sobre a antroposofia. Mesmo com a chegada tardia da brigada de incêndio, as mangueiras apareceram cortadas.

Rudolf Steiner morreu em 30 de março de 1925. Ainda neste ano, o partido nazista, que havia sido banido da Alemanha, foi novamente aceito, desta vez com Adolf Hitler como um de seus principais líderes.

Ainda em 1925, Hitler acabara de sair da prisão, onde havia cumprido parte da pena por tentar tomar o poder do parlamento alemão, no que foi conhecido como golpe da cervejaria, que sem apoio popular resultou na prisão e morte de vários membros do partido nazista. Hitler foi então para a Baviera, onde reestruturou o partido e se fortaleceu ideologicamente, encontrando a sua grande oportunidade em 1929.

Em primeiro lugar, porque, neste ano, a Alemanha realizou um referendo popular, em que grande parte da população optou por repudiar o Tratado de Versalhes, mostrando que o revanchismo germânico era forte na maior parte dos alemães. Em segundo lugar, porque iniciava-se a grande depressão com a queda da bolsa de valores de New York, fazendo que as antigas potências capitalistas encolhessem durante alguns anos.

Além disso, para muitos dos que haviam perdido seus empregos e ainda sofriam com a grande crise que assolava a Alemanha há quase uma década, o partido comunista, extremamente ligado à União Soviética, passava a se mostrar como uma alternativa real e forte. Em 1930, Hitler concorreu ao cargo de chanceler da Alemanha e perdeu, no entanto, Brüning, o chanceler eleito, foi extremamente impopular, perdendo o apoio dos vários setores do parlamento e deixando a Alemanha ingovernável. Por isso, numa atitude parlamentar, Brüning foi substituído por Hitler, que assumiu o cargo de Chanceler em 1932 (HOBSBAWN, 2016b).

Em 1938, Hitler anexou a Áustria, que nunca havia se recuperado da Primeira Guerra Mundial, e a aliança étnica que havia entre os dois países fez que fosse uma anexação sem grandes complicações. Em seguida, a atenção

de Hitler se voltou para os sudetos da Tchecoslováquia, região cuja população também era etnicamente alemã.

Por fim, em 1939, Hitler invadiu a Polônia, iniciando a Segunda Guerra Mundial. França, Noruega, Dinamarca, Bélgica e Holanda caíram logo em seguida. Os soldados britânicos que vieram em resgate à França quase não tiveram a chance de cruzar o Canal da Mancha em retirada. À medida que a guerra avançava, os judeus e os eslavos eram perseguidos, enviados para campos de trabalhos forçados ou campos de extermínio, sendo vistos como os verdadeiros inimigos do III Reich, por serem raças inferiores que se misturavam com a supostamente superior raça ariana.

O único modelo escolar vigente durante os anos do III Reich foi o da educação nazista, cujos valores estavam na conquista da excelência física e intelectual e na competição.

As escolas Waldorf, incluindo a de Stuttgart, foram fechadas. Sob ordem pessoal de Reinhard Heydrich, um dos arquitetos do holocausto, oficial superior do Nazismo, em 1935 foram fechadas também a Sociedade Geral Antroposófica e os Grupos de Estudo Antroposóficos, que eram os dois principais movimentos de continuidade da antroposofia na Alemanha.

De acordo com o seu desenvolvimento no passado, a Sociedade Antroposófica está sendo orientada internacionalmente e ainda hoje mantém contato com a maçonaria, judeus e pacificadores. Os métodos de ensino desenvolvidos por seu fundador, Steiner, e praticados nas escolas antroposóficas, ainda hoje existentes, seguem uma orientação individualista, que nada tem a ver com os ideias no Nacional Socialismo. (WERNER, 1999.)

A partir de março de 1936, as escolas Waldorf foram proibidas de receber novos alunos; no verão de 1941, todas as escolas Waldorf foram forçadas a fecharem as suas portas.

Ao passo que as escolas eram fechadas na Alemanha, Holanda e Noruega, escolas abriam na Suíça, Estados Unidos e Inglaterra. Em junho de 1941, a Gestapo prendeu todos os membros da comunidade de cristãos, assim como os que ainda se identificavam como antropósofos, e os mandou para campos de concentração.

Retomamos a abertura deste artigo que caracteriza o tempo de Rudolf Steiner como trágico. Apontados alguns dos principais eventos políticos dessa época, assim como as transformações que o industrialismo e a política de competição dos impérios trouxeram, podemos dar algum contexto à organização da antroposofia e ao nascimento da pedagogia Waldorf, mostrando que mais do que o surgimento de uma nova forma de educar, foram impulsos que se opuseram às suas tendências históricas e se mostraram muito resilientes, tanto nos momentos em que Rudolf Steiner se fazia presente, mas principalmente naqueles que sucederam sua morte. Não respondemos, como diz o historiador Marc Bloch, se Rudolf Steiner era fruto de seu tempo, ou se estava à frente de seu tempo, mas podemos apontar que ele resistiu aos desafios de sua época, que não eram poucos, e por isso ele atravessou o tempo, se fazendo presente em cada vez mais países e espaços, renovando-se constantemente.

Referências

- BELTLE, Erika & VIERL, Kurt. *Nós convivemos com Rudolf Steiner*. São Paulo: João de Barro, 2006.
- CALLEGARO, Bruno. *Momentos de um caminho: reflexões sobre a vida de Rudolf Steiner*. São Paulo: João de Barro, 2007.
- CANFORA, Luciano. *1914*. São Paulo: Edusp, 2014.
- HOBBSAWN, Eric. *A era dos impérios: 1875 – 1914*. São Paulo: Paz & Terra, 2016a.
- _____. *A era dos extremos, o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Paz & Terra, 2016b.
- STEINER, Rudolf. *Minha vida: a narrativa autobiográfica do fundador da antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 2006.
- _____. *From symptom to reality in modern history*. Dornach; Rudolf Steiner Press, 2015.
- WERNER, Uwe. *Antroposophy in the time of nazigermany*. RS archive, 1999. Disponível em: <<https://www.rsarchive.org/Nazis/index.php>>. Acesso em: 3 set. 2019.